



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medieval
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages
Reche Ontillera, Alberto; Souza, Guilherme Queiroz de; Vianna, Luciano José (Eds.).

Fernando Pereira dos Santos¹

A construção da imagem de Eduardo II na *Scalacronica* e na *Chronicle of Lanercost*

The construction of Edward II image at *The Scalacronica* and *The Chronicle of Lanercost*

Resumo:

No contexto das guerras contra as monarquias circunvizinhas, os cronistas ingleses do século XIV, seculares e monásticos, empenharam-se em realizar narrativas daqueles acontecimentos, imputando-lhes valores de verdade em conjunção com interesses que tais conflitos geravam em seus respectivos grupos. Destarte, utilizar-nos-emos de uma crônica monástica (*Chronicle of Lanercost*) e outra secular (*Scalacronica*), observando as divergências narrativas da imagem de Eduardo II (1284-1327), pois, derrotado na batalha de *Bannockburn*, deparou-se com o descontentamento da nobreza em conflitos internos nos anos subsequentes. A partir de tal premissa, interrogar-nos-emos acerca de sua descrição em ambos os manuscritos, ponderando sobre os fatores primordiais para a construção de sua imagem.

Palavras-chave: Crônicas; Idade Média; Eduardo II.

Abstract:

Into the context of wars against neighbouring realms, the lay and ecclesiastical XIV century English chroniclers diligently constructed narratives about such events, imputing values of truth conjoining with interests which such conflicts arouse among their respective social groups. Therefore, we will make use of an ecclesiastical chronicle (*Chronicle of Lanercost*) and a lay one (*Scalacronica*), bearing in mind the narrative deviations of Edward II (1284-1327) image, who, defeated at the battle of *Bannockburn*, faced the noblemen dissatisfaction in internal struggles on subsequent years. From that point, we will inquire about Edward II's depiction in both manuscripts, pondering about the main factors to the construction of his image.

Keywords: Chronicles; Middle Ages; Edward II.

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Franca).

Santos, Fernando Pereira dos.

A construção da imagem de Eduardo II na *Scalacronica* e na *Chronicle of Lanercost*
www.revistarodadafortuna.com

1. Introdução

Até o presente momento, as Guerras de Independência Escocesa, datadas de 1296 a 1346² receberam pouca atenção de medievalistas brasileiros. Uma das possíveis razões para isso talvez resida no fato de que tanto os escritos históricos produzidos no período como os estudos sobre as mesmas ainda se encontrem sem tradução para a língua portuguesa, tornando-se, de certo modo, um obstáculo para a divulgação daquele material.

Desse modo, o presente artigo, que empregará traduções de manuscritos originalmente compostos entre o final do século XIII e metade do XIV, além de estudos complementares realizados por importantes medievalistas europeus especialistas no período, tem a pretensão de auxiliar na estruturação do alicerce que os estudos acadêmicos nacionais referentes àquele momento quiçá constituir-se-ão com mais vigor nos anos vindouros.

Em nossa pesquisa de iniciação científica, iniciada em meados de outubro de 2011 e ainda em andamento durante a produção do presente artigo, refletimos acerca da imagem elaborada por cronistas ingleses acerca do inimigo escocês, levando em conta as especificidades de sua escrita. Para isso, analisamos alguns mecanismos discursivos pelas quais àquelas crônicas justificam o conflito contra inimigos igualmente cristãos, uma vez que as guerras e sua declaração, naquele momento, inseriam-se dentro de um conjunto de leis baseadas na tradição bíblica, romana e germânica. Quebrá-las, sem motivações aparentes, poderia levar a reprovação do conflito, tanto por autoridades laicas e temporais, deslegitimando assim qualquer pleito que seu declarante pudesse vir a reclamar (Whetam, 2009: 83).

No presente artigo, fruto de indagações originadas na mesma pesquisa, pretendemos pensar não acerca de uma imagem construída sobre o inimigo, mas sim sobre a imagem do monarca plantageneta Eduardo II na obra de cronistas ingleses. Notamos, pois, durante a análise das crônicas, que dos três reinados abarcados naquelas narrativas³, o de Eduardo II é o que recebe menor aprovação dos homens responsáveis pela composição de tais manuscritos. Dentro daquele contexto, observamos que os períodos nos quais Eduardo II é alvo de ataques mais incisivos remetem justamente às épocas em que partes do reino encontram-se sob ataques franco-escoceses, vitimados por

² Segundo King e Penman (2007: 1), os conflitos entre escoceses e ingleses são entendidos sob a ótica de uma longa duração, os quais teriam se estendido não até o século XIV, mas sim até o século XVI.

³ Eduardo I (1296-1307); Eduardo II (1307-1327) e Eduardo III (1327-1377).

Santos, Fernando Pereira dos.

A construção da imagem de Eduardo II na *Scalacronica* e na *Chronicle of Lanercost*
www.revistarodadafortuna.com

fenômenos de diversas ordens (como pragas e fenômenos meteorológicos) ou sob a ameaça de rebelião instigada por membros da nobreza.

Assim, indagamo-nos, considerando-se as referências feitas à seu pai, Eduardo I (1239-1307), e a seu maior adversário, Robert Bruce (1274-1329), auto declarado rei da Escócia, quais seriam as possíveis motivações que traçam um perfil demeritório de Eduardo II, tanto por *Sir Thomas Gray* (1328-1369) em sua *Scalacronica*, quanto pelo cronista responsável pela *Chronicle of Lanercost*. Em outras palavras, os três monarcas encararam vicissitudes de naturezas diversas durante seus reinados, mas observa-se uma grande incidência nas fontes estudadas de um discurso negativo e depreciativo quando se trata dos anos de reinado de Eduardo II, e pretendemos, portanto, pensar, ainda que de forma sucinta, sobre possíveis razões para tal.

2. A descaracterização de Eduardo II

Ao ponderarmos sobre o fato que ambas as crônicas fontes foram produzidas dentro de um determinado contexto, não podemos ficar alheios a sua problematização como fontes para pesquisa histórica. Segundo Le Goff (1996: 6):

“A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraíndo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-os a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da sua época e da organização mental [...]. É antes de mais nada o resultado de uma montagem [...] da história, da época, da sociedade que o produziram”

Não obstante, em relação às crônicas do século XIV mais especificamente, tais documentos⁴ fornecem reflexões da sociedade na qual foram produzidas, ou no mínimo, sobre o ponto de vista de seus autores, como seus interesses, ideologias e preconceitos (Menache, 2006: 32). Portanto, as atitudes dos cronistas que relataram o reinado de Eduardo II, em geral, foram condicionadas tanto por preconceitos de seu grupo social e interesses de sua localidade (Gransden, 2000: 1-2) como pelas atitudes controversas que o monarca teria realizado durante seu reinado - a saber, os supostos

⁴ Sobre a possibilidade do uso ou não de crônicas como fontes históricas, Cf. Monod, 1876: 1-16; Roest, 2003: 288.

Santos, Fernando Pereira dos.

A construção da imagem de Eduardo II na *Scalacronica* e na *Chronicle of Lanercost*
www.revistarodadafortuna.com

relacionamentos “homossexuais”⁵ com Piers de Gaveston e Hugh Despenser; o fracasso das campanhas escocesas e o comportamento fora dos padrões esperados pela etiqueta cavaleiresca vigente na Europa Ocidental do século em questão.

Logo, devemos ter em mente alguns pontos cruciais do contexto abordado pelas fontes que empregamos, a saber, a *Chronicle of Lanercost*⁶ e a *Scalacronica*⁷. Eduardo II assume o trono em 1307, ano da morte de seu pai, que por sua vez realizava os preparativos para mais uma incursão contra os escoceses. Naquele momento, Eduardo I era considerado um exemplo de monarca por vários motivos, porém, dentre eles, destaca-se a ideia de que encarnaria um “grande rei guerreiro”⁸, tendo lutado na Nona Cruzada, deparando-se também, após retornar a Inglaterra, contra os galeses, franceses e escoceses, obtendo êxito em todas aquelas ocasiões. Em 1307, Eduardo I, o monarca “destemido e belicoso” (Lanercost, 1913: 182)⁹ passa algum tempo “extremamente doente em *Lanercost*” (Lanercost, 1913: 35) e morre enquanto viajava para a fronteira entre os reinos na preparação de mais uma guerra contra os escoceses.

Durante o reinado de Eduardo I, suas atitudes frente aos escoceses são louvadas, principalmente pelo cronista de *Lanercost*, como o relato de que

⁵ Na Idade Média ocidental, vocábulos como “sodomita” (com forte relação a tradição judaico-cristã) e “bougre” (advindo do francês, com referência a hereges provenientes de regiões orientais, surgindo daí a palavra búlgaro) foram empregados para especificar o relacionamento com intercurso sexual entre dois indivíduos do mesmo sexo. Entretanto, decidimos pelo emprego do termo “homossexual” por permitir, sob nosso ponto de vista, uma descrição generalizada daquele tipo de prática, justamente pela falta de precisão dos termos supracitados, bem como de seus possíveis congêneres. Cf. Boswell, 1980: 269-284.

⁶ A *Chronicle of Lanercost*, cuja autoria é desconhecida, local de composição não é consensual entre especialistas e cuja sobrevivência se deu por um manuscrito conhecido (Gransden, 2000: 494), permaneceu incógnita até meados do século XVI, tendo sido editada no século XIX juntamente com outras crônicas inglesas. Sobre sua composição e autoria, Cf. Little, 1916: 269-279.

⁷ A *Scalacronica* foi produzida após a segunda metade do século XIV. Entretanto, boa parte de sua narrativa acerca do período das Guerras de Independência são creditadas ao testemunho oral de seu pai, cavaleiro que lutou no exército de Eduardo I e teria sido, portanto, testemunha privilegiada dos acontecimentos que descreveu (Taylor, 1987: 172)

⁸ Prestwich (1980: 6) cita um poema escrito durante a primeira metade do século XIII em que Eduardo é comparado a um leopardo, considerado durante a Idade Média um animal astuto. Tal comparação se daria pela conhecida ambição do monarca, que manipulava as leis para seu próprio benefício.

⁹ Todas as traduções no decorrer do presente artigo são de minha autoria.

Santos, Fernando Pereira dos.

A construção da imagem de Eduardo II na *Scalacronica* e na *Chronicle of Lanercost*
www.revistarodadafortuna.com

durante o cerco ao castelo de Edimburgo, durante o qual o rei encarregou um mensageiro de levar algumas correspondências até Londres. Entretanto, tal mensageiro teria debandado para o lado escocês e oferecido a correspondência de Eduardo ao guardião do castelo, que se recusou a abri-las “por motivos de honra” (Lanercost, 1913: 143), tendo devolvido tanto a correspondência quanto o homem para o rei inglês. Ao saber de tal atitude, Eduardo I disse:

“Eu declaro agradecido a Deus que a fidelidade de homem tão honrado me surpreendeu. Deem ordens para que daqui em diante ninguém tente infligir danos aos que estão sob cerco, e que nenhuma máquina lance pedras sobre eles” (Lanercost, 1913: 144)

O comportamento do monarca insere-se dentro do código de conduta do cavaleirismo, servindo à função edificante, um dos pilares da escrita cronística. Além do ensino de condutas e respaldo de juízos, há uma tomada de consciência pela nobreza guerreira de que “o que ainda viria a ser fixado pela escrita deveria levar a ações louváveis” (França, 2010: 49). As ações na guerra, o manejo preciso do armamento e o exercício da supremacia no campo de batalha seriam uma das faces daquele modelo de comportamento, que também se mesclava a aspectos diversos das chamadas virtudes, como a generosidade, sabedoria, lealdade e cortesia, difundidos principalmente pela literatura cortesã embasada no ciclo arturiano. A referência a heróis e feitos passados colocava em evidência os feitos recentes, demonstrando então seus aspectos mais importantes que seriam válidos de rememoração pelas gerações posteriores (Keen, 1981: 400).

Escrevendo anos depois da morte de Eduardo II, Thomas Gray, impregnado pelo ideal cavaleiresco, propõe-se a narrar a história do reino inglês desde sua fundação, mas deixa transparecer na *Scalacronica* a preocupação com o relato tanto de seus feitos de armas como os de seu pai. Escrita, portanto, sob a perspectiva de um nobre, membro da ordem dos *bellatores*¹⁰ e pensando na escrita da história sob a perspectiva de quem valoriza a experiência no campo de batalha, Gray mostra-se contrário às atitudes de Eduardo II, que em oposição a seu próprio pai e de Eduardo I, progenitor do monarca, não representa as características necessárias para um bom rei guerreiro. Seu primeiro teste de armas como rei deu-se apenas em 1310 (Prestwich, 1980: 55), porém o grande fracasso militar ocorreria em 1314, na famosa batalha de *Bannockburn*¹¹, onde foi derrotado pelo rei escocês Robert Bruce.

¹⁰ Sobre a esquematização da sociedade medieval e suas diversas ordens, Cf. Flori (2005: 118-123); Constable (1998: 251-360)

¹¹ A batalha de Bannockburn foi crucial para a perda do prestígio de Eduardo II, pois embora não existam registros do número exato de tropas empregadas, acredita-se que elas

Santos, Fernando Pereira dos.

A construção da imagem de Eduardo II na *Scalacronica* e na *Chronicle of Lanercost*
www.revistarodadafortuna.com

Nas crônicas que analisamos durante nossa pesquisa, nota-se que desde sua coroação ambos os cronistas são diretos ao apontar suas falhas, pondo assim em dúvida sua capacidade de governança. Em relação a *Scalacronica*, são relevantes as constantes críticas que *Sir Thomas Gray* faz sobre os distúrbios que vem ocorrendo na região fronteira nos anos após a supracitada batalha contra os escoceses. Tal desordem ocorreria porque “[...] os barões não respeitavam a autoridade do rei, e então todos agiam de acordo como bem quisessem” (Gray, 1907: 65). Aliada ao constante enfraquecimento de sua autoridade no norte, graças aos constantes fracassos militares, como o mal fadado cerco a *Berwick* em 1319, estava a arbitrariedade com que lidava com os membros da nobreza. Sobre este ponto, Thomas Gray relata o caso de Gilbert de Middleton, um cavaleiro que quebra seu juramento para com Eduardo II e causa destruição em vários locais em *Northumberland*. O motivo deu-se porque “[...] o rei ordenou que o primo de Gilbert, Adam de Swinburne, fosse preso, devido ao fato de ter falado muito abertamente sobre o que se passava na região fronteira” (Gray, 1907: 65).

Logo, Eduardo II “não se demonstrava diligente e nem era amado pelos grandes homens do reino” (Gray, 1907: 45), tendo então, segundo apontam os cronistas, levado parte da nobreza a rebelar-se. Ao realizar um “balanço” sobre o aquele governo, Thomas Gray comenta que:

“Em seu tempo, os [...] grandes homens demonstravam má vontade em relação a ele por sua crueldade e pela vida devassa que levava. O rei [...] fez de tudo o que era mais inapropriado para desqualificar-se nas virtudes cavaleirescas, deleitando-se em avareza e em prazeres sexuais, deserdando seus súditos que haviam se rebelado e enriquecendo com suas grandes propriedades de terras” (Gray, 1907: 70).

O cronista de *Lanercost* também se refere à falta de coesão na governança do reino como um dos principais fatores que contribuíram para a deposição de Eduardo II. Ao relatar sobre sua decisão de não exilar Piers de Gaveston, observa que durante a coroação “tanto o povo quanto os líderes reclamavam em voz alta contra Piers” (Gray, 1907: 186) e, um ano depois, quando o parlamento declara que o mesmo deve ser banido, “embora o rei tenha dado seu consentimento verbal, o mesmo na realidade não cumpriu com sua palavra, assim como em outras questões em que ele a havia dado, e assim Piers permaneceu na Inglaterra” (Gray, 1907: 186). Embora vivendo em uma

eram significativamente maiores do que as escocesas (Prestwich, 2005: 241). Além disso, segundo os cronistas de Lanercost, a importância do êxito naquela batalha foi crucial, uma vez que “após a supracitada vitória, Robert Bruce foi chamado de Rei da Escócia, pois ele havia adquirido a Escócia pela força das armas” (Lanercost, 1913: 210).

Santos, Fernando Pereira dos.

A construção da imagem de Eduardo II na *Scalacronica* e na *Chronicle of Lanercost*
www.revistarodadafortuna.com

sociedade que já demonstrava um nível de letramento superior ao de seus antecessores, o peso do testemunho oral e dos juramentos perante testemunhas idôneas ainda era de grande importância para aqueles homens (Clanchy, 1993: 294-298), principalmente quando se leva em conta sua inserção dentro do código cavaleiresco vigente naquele momento. Com sua conduta igualmente criticada e reprovada, pois se a fraqueza na liderança militar já não fosse por si só motivo para o questionamento de sua liderança, ele ainda “deleitava-se com atividades como as artes de remar e de conduzir carruagens, cavar fossas e telhar casas [...] e outras artes mecânicas, além de outras futilidades e frivolidades as quais o filho de um rei não deveria se ocupar” (Gray, 1907: 222).

Logicamente, não iremos reproduzir todas as passagens em que os cronistas referem-se negativamente a Eduardo II, porém a mais significativa na *Chronicle of Lanercost* sob nosso ponto de vista é o relato sobre o ataque escocês ocorrido no ano de 1322. A particularidade deste trecho deve-se pela crítica atroz e direta do autor, variando a modulação de seu discurso, que passa de um tom geralmente polido para o uso de adjetivos nem um pouco lisonjeiros ao descrever as ações escocesas e avaliar as atitudes do rei perante as mesmas:

“Quando o rei tomou conhecimento de tais fatos [o ataque escocês a Berwick] [...], ele, covarde como sempre, azarado na guerra e já tendo fugido com medo na Escócia, agora fugiu para a Inglaterra [...]. Quando o Conde de Carlisle soube que o rei estava em York, marchou para lá a fim de atacar os escoceses [...]; mas ao descobrir o rei todo confuso e sem exército reunido, dispersou suas tropas [...]. Quando o supracitado Conde de Carlisle compreendeu que o rei da Inglaterra não sabia como governar seu reino e nem estava apto para defendê-lo contra os escoceses, [...] temeu que finalmente o rei perderia todo o reino [...]”. (Gray, 1907: 240-241)

É sabido que durante a Idade Média os êxitos militares foram um fator preponderante quando associados à capacidade de governança da nobreza como um todo, pois o monopólio da força, já por volta do ano mil detinha-se nas mãos daqueles capazes de estabelecerem defesas locais contra os ataques “bárbaros”, através principalmente do estabelecimento de fortalezas de madeira e posteriormente de pedra e da constituição de um grupo armado de guerreiros a cavalo (Flori, 2005: 55). Esperava-se, pois, que Eduardo II seguisse os passos de seu pai, como grande estrategista, guerreiro e garantidor dos direitos da nobreza, tendo, na perspectiva daqueles cronistas, falhado em todos estes aspectos, e, diferentemente de seu predecessor, viria a ser taxado como um monarca “incorrigivelmente incompetente” (Prestwich, 2005: 178).

Santos, Fernando Pereira dos.

A construção da imagem de Eduardo II na *Scalacronica* e na *Chronicle of Lanercost*
www.revistarodadafortuna.com

Dentro desta contextualização, Taylor (1987: 3) observa que na Inglaterra do século XIV as guerras tanto entre membros discordantes da elite governante como contra inimigos externos são dois dos temas que recebem maior importância dos cronistas no período. Assim, após tantas acusações de incapacidade de governança, os cronistas constroem um primeiro ponto em oposição direta a figura de Eduardo II: devido a sua incapacidade militar, o reino (e os interesses da nobreza) estariam em perigo, permitindo-lhes pensar que seria viável sua deposição. Ele ainda é o rei, porém questiona-se se o poder de Eduardo II ainda seria respaldado pela consagração divina, sendo tal fator fulcral para sua queda.

Cada vez mais desrespeitado (e desafiado!) por parte da nobreza graças a sua possível inabilidade como guerreiro e administrador, a ponto de que “[...] ninguém no reino apoiava o rei, exceto quatro pessoas, a saber, [...] Hugh le Despenser, [...] Sir Nicholas de Segrave, Sir William de Burford e Sir William de Enge [...]” (Lanercost, 1913: 187), outros dois problemas ainda recaiam-lhe sobre as mãos: os períodos de fome que o reino atravessou durante seu governo, principalmente na região fronteira, e a crescente força de seu inimigo escocês Robert Bruce. Fatores como a constante passagem de tropas e consequentes saques, aliados às péssimas colheitas entre 1315-1322, o aparecimento de bandidos e a cobrança de impostos, causam a fome das populações residentes ao norte do reino (Dodds, 2007: 55-64). A situação de carestia não passou despercebida pelos cronistas de ambas as fontes. Sobre os anos de 1315-1316, ambos relatam que:

“Naquele tempo, um cometa foi visto; além disso, era um ano de muita importância para a colheita de cereais, e tal escassez de alimentos fez com que mães devorassem seus filhos, razão pela qual quase todos os pobres morreram” (Gray, 1907: 65)

“E naquele ano houve uma mortalidade tão grande na Inglaterra e na Escócia pela penúria de víveres e pela peste como nunca se ouviu em nosso tempo. Em algumas regiões ao norte da Inglaterra, o quarto do trigo era vendido a quarenta *shillings*¹²” (Lanercost, 1913: 217)

Ao longo de toda a história do medievo, exemplos de fenômenos naturais pressagiando eventos de grande importância são constantes, como o

¹² Para se ter uma breve noção sobre os valores monetários vigentes na Inglaterra do século XIV, Prestwich (1980: 3) calcula sobre o possível montante em libras que circulava no reino naquele momento. Além disso, Contamine (1984: 94) realiza cálculos baseados na renda diária de um cavaleiro na Inglaterra e na França em 1300, que girava em torno de 2, 3 ou 4 *shillings*.

Santos, Fernando Pereira dos.

A construção da imagem de Eduardo II na *Scalacronica* e na *Chronicle of Lanercost*
www.revistarodadafortuna.com

Milagre de Ourique¹³, destacando-se no relato a referência feita por Thomas Gray à passagem de um cometa. Na Tapeçaria de *Bayeux*, cuja data de compilação é incerta, a invasão normanda de 1066 é prenunciada pela passagem do que atualmente é denominado cometa Halley, não sendo, portanto, a referência a um corpo celeste antevendo um evento desastroso inédita na história inglesa nos tempos do autor da *Scalacronica* (Hicks, 2006). Ressaltarmos que o cavaleiro emprega na composição de sua obra trabalhos de autoridades de períodos anteriores, como William of *Malmesbury*, e teria, assim, conhecimento acerca de tais fatos.

Given-Wilson (2004: 21-22) observa que a Cristandade colocava ênfase em coisas que não eram vistas, requerendo então a fé de seus observadores em sua veracidade, pois a manifestação dos desígnios divinos poderia ocorrer em qualquer instância, e tais presságios serviriam para justificar eventos já ocorridos ou prever os que poderiam vir a ocorrer. Neste caso, não é de se surpreender que o relato sobre o mesmo tenha ocorrido bem no reinado de Eduardo II, uma vez que, assim como a justificativa para as derrotas nas batalhas, os comentadores medievais também buscavam uma explicação para os insucessos e catástrofes nos atos de um indivíduo (ou grupos de indivíduos), alertando para mudassem seus comportamentos a fim de que não se atraísse a ira divina sobre si ou sobre outrem.

Não bastasse então o fenômeno meteorológico que se abateu sobre a Europa na segunda década do século XIV, causando grandes perdas de colheitas, Eduardo II ainda teria que lidar com a crescente escalada de ataques realizados por Robert Bruce e seus partidários na luta pelo controle do trono escocês, bem como de vastas porções do território de *Northumberland*. O tom da escrita cronística alterna em vários momentos, indo da indignação pela ousadia de um inimigo que se acreditava praticamente derrotado ao final do reinado de Eduardo I ao pessimismo total pela ineficácia em combatê-lo após sua morte. O cronista de *Lanercost* chega inclusive a conjecturar que “dizia-se que o Rei da Inglaterra [Eduardo II] desejaria, se pudesse, aliar-se com Robert Bruce” (*Lanercost*, 1913: 288) no momento em que enfrenta simultaneamente tanto a oposição dos nobres descontentes com seu governo como o conflito no norte do reino. Tal descrição não é nem um pouco incomum, pois a abordagem em relação à política nas crônicas escritas durante e sobre o reinado de Eduardo II tendia a ser factual e pragmática, e apesar de uma propensão contrária ao rei, eles prontamente alteravam suas opiniões caso as circunstâncias demandassem (Gransden, 2000: 17).

¹³ Cf. Carmelo, L. *O milagre de Ourique ou um mito nacional de sobrevivência*. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/carmelo-luis-Ourique.html>

Santos, Fernando Pereira dos.

A construção da imagem de Eduardo II na *Scalacronica* e na *Chronicle of Lanercost*
www.revistarodadafortuna.com

Essa mudança no discurso pode ser observada primordialmente na *Chronicle of Lanercost*, aonde o cronista fornece pistas textuais de sua observação direta dos eventos, como quando relata em vívidos detalhes a tentativa de ataque a cidade de *Carlisle* em 1315 (Lanercost, 1913: 213) e ao monastério onde residia no ano de 1312 (Lanercost, 1913: 197). Ao longo do manuscrito, há o emprego de diversos adjetivos depreciativos referentes aos escoceses, mas principalmente a Robert Bruce. Segundo Penman (2007: 217-219), tanto cronistas ingleses como escoceses preocupavam-se não somente com a narrativa de eventos, mas também com a construção de uma propaganda de guerra, fazendo surgir em tais escritos um tom de pertença ao reino inglês.

Conforme os anos de conflito avançam e os ingleses sofrem sucessivas derrotas, Robert Bruce é reconhecido como monarca legítimo da Escócia, assim como a independência daquele reino em relação aos domínios ingleses. De um nobre “excomungado e [...] que foge, como normalmente o faz, sem coragem para enfrentá-las [as hostes inglesas]” (1913: 190-191), o mesmo, após a batalha de *Bannockburn*, passa a ser reconhecido como “[...] rei da Escócia por todos, pois ele a adquiriu pela força das armas” (1913: 210). Porém, nos relatos a partir do ano de 1317, os escoceses recusaram-se a aceitar a bula emitida por João XXII (1316-1344), e “[...] foram deploravelmente excomungados pelo papa” (1913: 219). Curiosamente, o cronista volta a deslegitimar tanto o título do nobre escocês como a depreciar aqueles que o seguem, pois se utilizam de métodos “traçoeiros e ardilosos” (1913: 219) na tomada de castelos; sendo eles “rebeldes” (1913: 220) e Robert “não um rei, mas um usurpador” (1913: 225). Em 1323, o cronista volta a referir-se a Robert como rei ao relatar a trégua travada entre o mesmo e o conde de *Carlisle*, Andrew Harcla, sem o consentimento do parlamento (1913: 241).

Não observamos tal variação discursiva na descrição de Eduardo II. Sob nossa perspectiva, para ambos os cronistas, o rei estaria em um patamar inferior não somente a seu pai, mas também a seu inimigo estrangeiro. Robert Bruce, assim como outros escoceses, é caracterizado na ótica de homens que visam justificar o conflito, e por isso teriam sido destacados, por um lado, seus possíveis defeitos e desvios de caráter, mas por outro ele ainda parece ter, em certos momentos, o reconhecimento de seu pleito ao trono escocês e de suas características positivas, como a liderança e o respeito pela religião cristã após ser ungido em sua coroação (Young; Stead, 2010: 178).

Por fim, uma das questões mais controversas dentre aqueles que estudam seu reinado refere-se às indicações nas crônicas do período de que ele seria homossexual, mantendo um relacionamento com o cavaleiro Piers de Gaveston e, posteriormente, com outro nobre, Hugh Despenser. Para Prestwich (1980: 80) os vários cronistas que escreveram a respeito do reinado

Santos, Fernando Pereira dos.

A construção da imagem de Eduardo II na *Scalacronica* e na *Chronicle of Lanercost*
www.revistarodadafortuna.com

de Eduardo II lidam de algum modo com esta questão, pois o homossexualismo era visto como algo abominável naquele período, como observado, por exemplo, nas denúncias feitas aos Templários em 1312. Entretanto, o autor ainda ressalta que as acusações que põem em dúvida a sexualidade do monarca foram feitas apenas após a sua morte, fornecendo assim, indícios de que a *Chronicle of Lanercost* teve ao menos algumas de suas partes compostas não por contemporâneos as três primeiras décadas do século XIV.

Na *Chronicle of Lanercost*, as referências sobre a relação entre Piers e Eduardo aparentemente não sugerem, ao contrário de outras crônicas e escritos históricos compostos no e/ou sobre o período (Ormrod, 2006: 22-47) nenhum tipo de relacionamento sodômico, notando apenas a “familiaridade imprópria que meu senhor Eduardo desfrutava com ele, falando-lhe abertamente como se fosse seu irmão” (Lanercost, 1913: 184). Notamos, entretanto, que o cronista descreve Piers sob uma ótica desfavorável, reprovando as atitudes de Eduardo II para com tal indivíduo, como a concessão de títulos, benefícios e lugar de destaque como seu conselheiro em detrimento de outros nobres, denominando-lhe, após seu banimento em 1311, de “indivíduo execrável” (Lanercost, 1913: 194).

Quanto a *Scalacronica*, Thomas Gray limita-se a escassas referências ao nobre gascão. Contudo, é digna de nota a passagem datada do ano de 1306 em que “Piers de Gaveston foi acusado perante o rei de diversos crimes e atitudes condenáveis, as quais o tornam uma companhia inadequada para o filho do rei, razão pela qual foi exilado e proscrito” (Gray, 1907: 33). Quais seriam tais crimes e atitudes não constam nas páginas do manuscrito, mas abre-se a possibilidade para pensarmos até que ponto tais acusações seriam apenas uma estratégia de seus possíveis inimigos, que poderiam integrar o público receptor da crônica de Gray. Com a morte do rei e a ascensão de um novo monarca, é provável que parte da nobreza, desejosa na manutenção de seus títulos e possível obtenção de outros, enxergasse a perspectiva positiva que geraria o conflito contra os escoceses. Assim como nas contendas anos antes contra os galeses, em que as regiões fronteiriças e os castelos constituindo propriedades naquela região são distribuídos a nobres ingleses, haveria a expectativa de que novas regiões, agora na Escócia, também passariam a integrar os domínios da Inglaterra.

O uso de crônicas para se pleitear direitos adquiridos em tempos remotos já havia sido feito no reinado de Eduardo I (Gransden, 2000: 441-442), quando elas são empregadas para legitimar o direito daquele monarca a coroa escocesa. Neste sentido, é possível conjecturarmos que a crônica de Sir Thomas Gray também poderia vir a ser empregada em algum momento no

Santos, Fernando Pereira dos.

A construção da imagem de Eduardo II na *Scalacronica* e na *Chronicle of Lanercost*
www.revistarodadafortuna.com

futuro em possíveis contendas sobre direitos diversos ocasionados pela reconfiguração de poder na região fronteira entre reinos que o conflito anglo-escocês causou.

Ao exemplo da *Chronicle of Lanercost*, a descrição de uma imagem desdenhosa de Piers de Gaveston aparece exatamente após a morte de Eduardo I, quando em 1307 ele volta de seu exílio e se torna “[...] grandioso, generoso e educado em sua conduta, mas arrogante e desdenhoso em sua fala, a vista do que alguns dos grandes homens do reino sentiram-se extremamente ofendidos. Eles planejaram sua destruição enquanto servia o rei na guerra escocesa” (Gray, 1907: 33). Usualmente, no início do século XIV, uma das maneiras de manter a lealdade da nobreza era a distribuição de títulos, terras e do pagamento em dinheiro como forma de retribuição pelos gastos e perdas daqueles que o acompanhavam na guerra¹⁴. Entretanto, contrariando todas as expectativas, Piers, que já havia sido banido por Eduardo I e por seu conselho de nobres anteriormente, é chamado de volta a Inglaterra e ainda recebe o condado da Cornualha (Chaplais, 1994: 27-34). Em uma corte que possuía homens tão poderosos quanto o rei (como Thomas de *Lancaster*, seu primo), o equilíbrio poderia ser facilmente quebrado no caso de inaptidão do monarca.

Naquele momento, a monarquia inglesa poderia ser entendida, em teoria, sob o modelo descendente, ou seja, o poder do rei emanaria diretamente de Deus, e suas ações não estariam sob contestação¹⁵. Entretanto, se observarmos períodos anteriores, mesmo sob tal esquematização, houve momentos de crise em que a autoridade real sofria a refutação de seus súditos, embora não se questionasse a instituição monárquica. Exemplo disto seria a revolta baronial durante o início do século XII com João sem terra (1166-1216), que embora consagrado rei após a morte de seu irmão Ricardo Coração de Leão (1157-1199), é obrigado a assinar a Magna Carta após conflitos contra tais barões insurretos. Neste momento, ocorre algo similar com Eduardo II, resguardadas claro as devidas diferenças: demonstrada sua incapacidade como guerreiro e estrategista, segundo as fontes, o reino estaria sob perigo,

¹⁴ Contamine (1984: 94-95) aponta para a gradual substituição de um sistema de obrigações militares feudo-vassálicas para um sistema de profissionalização daqueles engajados na prática guerreira, que permite àqueles homens dedicação em tempo integral às atividades bélicas desde sua juventude. Deste modo, espera-se que o monarca lhes provenha financeiramente a cada campanha que participarem, podendo assim manterem o equipamento condizente com sua condição social, garantindo sempre sua reposição quando necessária.

¹⁵ Na Inglaterra havia uma forte colaboração entre o rei e os barões locais. Isto ocorria pela aplicação da Common Law, através da qual as decisões do monarca deveriam necessariamente ter a aprovação da nobreza para que fossem implementadas (Kritsch, 2002: 210-211).

Santos, Fernando Pereira dos.

A construção da imagem de Eduardo II na *Scalacronica* e na *Chronicle of Lanercost*
www.revistarodadafortuna.com

favorecendo então o surgimento de vozes que eram contrárias a seu governo e, tendo como justificativa o abandono de Deus ao soberano, não haveria mais razão para mantê-lo no poder. A perda do favorecimento divino teria começado já em 1314, quando por volta de um mês antes da batalha de *Bannockburn*, pois:

“Considerando que quando seu nobre pai Eduardo [I] ia para uma campanha na Escócia costumava visitar durante sua marcha os santuários dos santos ingleses [...], realizando grandes oferendas e [...] concedendo generosos presentes aos monastérios e aos pobres, [...] este rei não praticou nenhuma destas ações; mas marchando com grande pompa [...], ele tomou as posses dos monastérios e, como foi relatado, disse e praticou ações que insultaram os santos. Em consequência disto e de outras coisas, não é de se surpreender que a confusão e vergonha eterna apossaram-se dele e de seu exército [...]” (Lanercost, 1913: 206)

Entretanto, devemos ter em mente que os cronistas tentavam justificar o abandono de Deus em relação a Eduardo II, mas não em relação aos ingleses, ou seja, o monarca, por suas ações seria o responsável pelas mazelas que se abatiam sobre seu povo (e sobre seu exército). O comentador medieval sempre busca justificar que, em situações como as supracitadas nas fontes, Deus não abandonou seu lado. A autora elenca algumas razões pelas quais os “justos” nem sempre sagram-se vencedores na batalha, como o orgulho excessivo e os pecados dos líderes (Devries, 1999: 87-89), observados nas descrições do comportamento de Eduardo II em relação a seus inimigos, principalmente na crônica monástica de *Lanercost*.

Seguindo esta linha de pensamento, Deus teria então abandonado Eduardo II a sua própria sorte, sendo então sua deposição justificável perante os poderes laico e temporal. São dignas de menção as passagens da crônica de *Lanercost* relatando como em várias das principais localidades do reino o alto clero manifestava-se acerca da deposição de Eduardo II durante a celebração das missas:

“[...] o bispo de *Hereford* pregou [...] aquela passagem em Eclesiásticos – ‘um rei sem bom senso arruinará seu povo’ – estendendo-se longamente sobre a insensatez e a tolice do rei, [...] e sobre os múltiplos desastres que recaíram sobre a Inglaterra em seu tempo” (Lanercost, 1913: 254)

“[...] o arcebispo de *Canterbury* pregou [...] que ‘a voz do povo é a voz de Deus’, e terminou anunciando a todos aqueles que o ouviam que, pelo consentimento unânime de todos os condes e barões, e dos bispos e arcebispos, e de todo o clero e do povo, o Rei Eduardo [II] fora deposto de seu imaculado cargo, para nunca

Santos, Fernando Pereira dos.

A construção da imagem de Eduardo II na *Scalacronica* e na *Chronicle of Lanercost*
www.revistarodadafortuna.com

mais reinar e nem governar o povo da Inglaterra”. (Lanercost, 1913: 255)

Assim, observa-se que tantos representantes dos poderes laico como temporal, de acordo com as passagens escritas pelos cronistas, justificam e colocam-se contra o monarca, pois destituído do apoio divino para suas ações, graças à suas próprias condutas, o mesmo não teria mais apoio para continuar na governança do reino. Um rei descrito como homossexual, mau administrador, estrategista, guerreiro e ainda não garantidor da tradição nobiliárquica, para tais cronistas, oferece portanto justificativas que legitimam sua queda. Após seu destronamento, observa-se, entretanto, uma discordância presente no discurso das fontes sobre a reação de Eduardo II. Na *Chronicle of Lanercost*, ele é acusado de realizar uma aliança com os inimigos escoceses, na esperança de não perder o trono. Além disso, sua ineptidão para a função contrapõe-se com as narrativas da morte de Eduardo I e Robert Bruce. Ao ser convocado pelo parlamento a comparecer e encarar o julgamento por seus atos, Eduardo II recusa-se a apresentar-se, “[...] amaldiçoando-os desdenhosamente, declarando que não se encontraria em meio a seus inimigos – ou melhor, seus traidores” (Lanercost, 1913: 254), sendo sua morte “[...] por causa natural ou por violência perpetrada por outros” (Lanercost, 1913: 254).

Por outro lado, na *Scalacronica*, nenhuma menção é feita às alegadas acusações de aliança com os escoceses, sendo transmitida a imagem não de um nobre disposto a lutar por sua posição, mas sim resignado com sua sorte:

Ele tratou de tal assunto muito pacientemente, dando a seu filho as bênçãos de Deus, assim como as suas, além de orar a Deus para que Ele tornasse seu filho um bom homem, que por ele intercedesse e garantisse que as pessoas tivessem boa vontade para com o infante, ao contrário do que lhe sucedera. Ele foi levado [...] para *Berkeley*, onde faleceu, de modo desconhecido para os homens, mas conhecido por Deus (Gray, 1907: 74).

Sobre seu fim, ambas as crônicas apontam indícios de que possa ter sido morto. Seja como for, Eduardo II termina seus dias destronado e não é enterrado em Londres juntamente com os monarcas predecessores, como manda o costume, tendo permanecido o estigma sobre sua pessoa através dos séculos. Atualmente, historiadores de renome como Michael Prestwich, um especialista no reinado Plantageneta, ainda o descrevem em suas obras sob a ótica negativa legada pelos escritos históricos do período¹⁶.

¹⁶ O historiador inglês emprega títulos como “Eduardo II: o rei incompetente” (Prestwich, 1980: 79); e “Tempos de Problemas” (Prestwich, 2005: 188), referindo-se a Eduardo II em seus trabalhos.

Santos, Fernando Pereira dos.

A construção da imagem de Eduardo II na *Scalacronica* e na *Chronicle of Lanercost*
www.revistarodadafortuna.com

Portanto, cabe assim a constante revisão historiográfica dirimir o quanto for possível a imagem projetada por seus contemporâneos, de que fora apenas um monarca incompetente, incapaz, fraco e tantos outros adjetivos, carregados de conotações diversas, para realizar-se sim, por sua vez, a estruturação de um quadro melhor configurado e contextualizado tanto de seu governo quanto de seus atos como rei da Inglaterra. Não se trata de buscar a “verdade histórica”, como almejavam os padrões positivistas do século XIX, mas sim de tentarmos situar a escrita da história no século XIV dentro de seus próprios parâmetros, levando em consideração os jogos de pressão política aos quais aqueles responsáveis pela produção de crônicas, assim como seus escritos, estavam submetidos.

3. Considerações Finais

Durante o presente artigo, pudemos fazer breves reflexões sobre a construção discursiva acerca da imagem de Eduardo II nas fontes que trabalhamos durante nossa pesquisa. Entretanto, acreditamos que nossa breve reflexão sirva tanto para que medievalistas tenham um primeiro contato com fontes ainda não trabalhadas no Brasil, assim como serviu para nossa pesquisa. Buscamos extrapolar a temática de reflexão sobre o “outro”, presente em nossa pesquisa de iniciação científica, ou seja, sobre o inimigo escocês, indo focalizar na imagem do monarca ao qual aqueles homens supostamente deveriam seguir. Entendemos, portanto, que o discurso presente naquelas crônicas oferece uma dupla perspectiva sobre a legitimação monárquica durante os conflitos anglo-escoceses, pois, ao longo de seus fôlios, ao passo em que menoscabam o inimigo sob o pretexto de legitimar o pleito inglês sobre o domínio da Escócia, ao mesmo tempo transformam Eduardo II, seu próprio monarca, em uma figura não mais representante de suas aspirações nobiliárquicas e, portanto, tão passível de destituição quanto o inimigo Robert Bruce.

Referências

Fontes

Gray, T. (1907). *The Scalacronica: the reigns of Edward I, Edward II and Edward III as recorded by Sir Thomas Gray*. Translated by Sir Herbert Maxwell. Glasgow: James Maclehose and Sons.

Santos, Fernando Pereira dos.

A construção da imagem de Eduardo II na *Scalacronica* e na *Chronicle of Lanercost*
www.revistarodadafortuna.com

The Chronicle of Lanercost: 1272-1346 (1913). Translated by Sir Herbert Maxwell. Glasgow: James Maclehose and Sons.

Bibliografia

Boswell, J. (1980). *Christianity, social tolerance, and homosexuality: gay people in Western Europe from the beginning of the christian era to the fourteenth century*. Chicago; London: The University of Chicago Press.

Carmelo, L. *O milagre de Ourique ou um mito nacional de sobrevivência*. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/carmelo-luis-Ourique.html>. Acessado em 20 de jan de 2012.

Chaplais, P. (1994). *Piers Gaveston: Edward II's adoptive brother*. Oxford: Clarendon.

Clanchy, M. T. (1993). *From memory to written record: England 1066-1307*. Oxford: Blackwell.

Contamine, P. (1984). *War in the Middle Ages*. Translated by Michael Jones. Oxford: Basil Blackwell.

Devries, K. (1999). God and defeat in medieval warfare: Some preliminary thoughts. In Kagay, D. J.; Villalon, L. J. A. (Eds.), *The circle of war in the middle ages: essays on medieval military and naval history warfare in History* (pp. 87-97). Woodbridge: Boydell & Brewer.

Dodds, B. (2007). *Peasant and production in medieval northeast: 1270-1536*. Woodbridge: The Boydell Press.

Flori, J. (2005). *A cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. Tradução de Eni Tenório dos Santos. São Paulo: Madras.

França, S. S. L. (2010). Uma escrita do passado centrada nas guerras. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, 11 (14). Acessado em: 10/01/2012, disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/1991/2420>

Given-Wilson, C. (2004). *Chronicles: The writing of history in late medieval England*. London: Hambledon and London.

Gransden, A. (2000a). *Historical writing in England I: c. 550 to 1307*. London: Routledge.

Santos, Fernando Pereira dos.

A construção da imagem de Eduardo II na *Scalacronica* e na *Chronicle of Lanercost*
www.revistarodadafortuna.com

Gransden, A. (2000b). *Historical writing in England II: c. 1307 to the early sixteen century*. London: Routledge.

Hicks, C. (2006). *The Bayeux tapestry: the life story of a masterpiece*. California: Chatto and Windus.

Keen, M. (1981). Chivalry, heralds, and history. In Davies, R. H. C.; Wallace-Hadrill, J. M. (Orgs.), *The writing of history in the middle ages: essays presented to Richard William Southern*. Oxford: Clarendon Press.

King, A; Penman, M. (Eds.) (2007), *England and Scotland in fourteenth century: new perspectives*. Woodbridge: Boydell.

Kritsch, R. (2002). *Soberania: a construção de um conceito*. São Paulo: Humanitas.

Le Goff, J. (1996). *História e memória*. 4.ed. Campinas: Unicamp.

Little, A. G. (1916). The authorship of the Lanercost chronicle. In Poole, R. L. (Ed.), *The English Historical Review* (pp. 269-279). Bombay; Calcuta; New York: Longmans, Green and Co. v. 31.

Menache, S. (2006). *Chronicles and historiography: the interrelationship of fact and fiction*. In Woolgar, C. M. (Ed.), *Journal of Medieval History*, [S.l.], 32, 2006. Acessado em: 20/01/2011, disponível em: <http://his.library.nenu.edu.cn/upload/soft/haoli/111/4.pdf>

Monod, G. (1876). Do progresso dos estudos históricos na França desde o século XVI. Tradução de Teresa Malatian. *Revue Historique*, 1 (1), Paris, 1-16.

Ormrod, M. (2006). *The sexualities of Eduard II*. In Dodd, G; Musson, A. (Eds.), *The reign of Eduard II: new perspectives* (pp. 22-47). York: Boydell & Brewer.

Penman, M. (2007). *Anglici caudati: abuse of the English in Fourteenth-Century Scottish Chronicles, Literature and Records* In King, A.; Penman, M. (Eds.), *England and Scotland in fourteenth century: new perspectives* (pp. 216-235). Woodbridge: Boydell.

Prestwich, M. (1980). *The three Edwards: War and state in England, 1272-1377*. Oxford: George Weidenfeld and Nicolson.

Prestwich, M. (2005). *Plantagenet England: 1225-1360*. New York: Oxford University Press.

Santos, Fernando Pereira dos.
A construção da imagem de Eduardo II na *Scalacronica* e na *Chronicle of Lanercost*
www.revistarodadafortuna.com

Roest, B. (2003). *Later Medieval Institutional History*. In Delliannis, D. M. (Ed.), *Historiography in the Middle Ages*. Boston: Brill.

Taylor, J. (1987). *English Historical Literature in the fourteenth Century*. Oxford: Clarendon Press.

Whetham, D. (2009). *Just wars and moral victories: surprise, deception and the normative framework of European war in the later Middle Ages*. Leiden: Brill.

Young, A., Stead, M.J. (2010). *In the footsteps of Robert Bruce: in Scotland, Northern England and Ireland*. Stroud: The History Press.

Recebido: 27 de março de 2012

Aprovado: 19 de junho de 2012